

Temos muito mais forças do que supomos

(...) os deuses aqui são a chuva, o rio, a floresta. E a oração que eles entendem não é feita com palavras, mas sim com a força e a energia dos braços, do corpo. Só ante essa linguagem a floresta iria se abrindo, as águas passando, a canoa subindo, o frio cedendo, o homem vencendo. E eu já pobre, fraco para comunicar-me nessa linguagem com a todo-poderosa natureza, que só ouve e atende às preces do trabalho, e essa oração, que conheço, ainda que, aqui, não muito bem, não consigo mais rezar. Eu dependo de mim mesmo e não tenho mais como dar o que eu próprio preciso. A canoa não encontra porto na mata e eu começo a não encontrar porto para minhas esperanças – não consigo mais remar e fico mais gelado ainda. Penso, então, que talvez Kika esteja certa e que podemos não conseguir continuar! Será que a irmãzinha, o sargento José Rubens e o Gerson tinham razão e o desafio é maior do que nós?

Olho para Kika e sua expressão mostra-me que estamos, literalmente, “no mesmo barco”. Com ela não se passa diferente – o cansaço, a impotência, a impressão da possibilidade de não resistirmos. E também um respeito por tudo o que nos ameaça, por tudo o que está a acontecer, pelo reconhecimento da diferença de forças entre quem lutava, e perdia, e quem se impunha. Num esforço maior do que me supunha capaz, no entanto, eu consigo ainda remar mais um bocado e me esquentar um pouco. Mas escapo da dor do frio e caio na dor dos músculos. Quando os braços e mãos chegam ao seu limite de exaustão, paro novamente. Em instantes volta o frio e busco mais uma última reserva de energia dentro de mim. Eu não sei como, mas encontro, inexplicavelmente, encontro – havia alguma força ainda em mim – e consigo dar umas boas remadas. É incrível! Daí a pouco a experiência se repete. Numa terceira vez, quando sinto mesmo que não vou conseguir, penso então que, se eu não remar, nós demoraremos mais a chegar e o corpo sofrerá mais tempo ainda, que eu preciso conseguir, que é caso de vida ou morte. E aí consigo. Pensar assim funciona. Quem disse que só a fé remove montanhas? Eis o pensamento movendo músculos já completamente mortos, caídos pelas tabelas. E aí passo a usar esse pensamento como uma estratégia. Quando me sinto entregando os pontos, achando que não sou capaz nem de uma remada mais, mãos e braços exauridos, corpo em dor, penso que se eu der conta de remar nós acabaremos

mais rápido com o sofrimento. E consigo. Funciona. Parece mágica, pois não era para agüentar mais nada, nem um rato pelo rabo, nem um mosquito pela asa. Eu não sabia que essa força existia! Onde moraria ela? Eu aprendo, então, uma lição: nossos limites são muito mais amplos do que pensamos. Mora adormecida – porque não exigida – em nós uma força que desconhecemos, que não sabemos existir. Aprendo a confiar mais em mim mesmo, aprendo que posso contar mais comigo do que contava até então.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*
Autor: Walter Andrade Parreira
(Cap.12 – ‘A explosão amazônica’ – pág.197/198)